

# Forças Mecanizadas na Guerra Irregular

Major Irvin Oliver, Exército dos EUA

**C**ONFORME O EXÉRCITO desenvolve seu caminho para enfrentar o que o General George W. Casey chamou de uma “era de conflito persistente”, torna-se mais evidente que as forças mecanizadas vêm exercendo um papel cada vez menor em favor das Grandes Unidades de Infantaria. Contudo, embora essa improvisação tenha sua validade no atual ambiente operacional, ela desconsidera a utilidade de forças blindadas na guerra irregular e pressupõe, implicitamente, que, no futuro, os blindados não serão necessários. A doutrina do Exército para o combate contra forças irregulares deveria incluir o emprego de forças mecanizadas, e o treinamento deveria incorporar o emprego dessas tropas em todos os tipos de conflito armado.

Com a chegada dos carros de combate *MI1* do Corpo de Fuzileiros Navais ao Afeganistão, talvez seja interessante considerar dar um papel mais amplo às forças mecanizadas no combate irregular. Muitos talvez tenham a opinião inicial de que as forças mecanizadas têm pouco ou nenhum emprego no tipo de conflito comum no Afeganistão, por várias e equivocadas razões: a pesada “cauda logística”; a limitada possibilidade de emprego; e a situação relativamente estática, sob o ponto de vista estratégico. Embora, talvez, haja alguma validade em todas essas críticas, elas representam argumentos falaciosos ou incompletos, que se baseiam em premissas muito tênues. As principais considerações para a introdução de forças mecanizadas em situações de combate irregular devem ser o emprego judicioso de meios e o tipo de terreno.

O Exército deveria reconsiderar a aplicabilidade das formações mecanizadas em todos os tipos de operações de combate. A doutrina deveria expressar claramente todas as capacidades, as limitações e os atributos próprios das forças

mecanizadas para emprego no ambiente de combate irregular. Devido a essa omissão, o emprego desse tipo de tropa fica condicionado por táticas, técnicas e procedimentos de cada Unidade ou por práticas transmitidas “de boca”. Esse tipo de aprendizado, por descoberta, era compreensível durante os períodos iniciais das operações de combate nos conflitos atuais, mas é inaceitável após quase dez anos de experiência reunida na Força. A doutrina também deve formalizar as experiências adquiridas no Iraque e no Afeganistão e que possivelmente tenham aplicação mais ampla, em diferentes situações. Um único manual de campanha doutrinário é insuficiente para as Unidades de Infantaria leves e de *Stryker* e para as Unidades mecanizadas.

A instrução deve incorporar estratégias usadas nas operações atuais. A experiência mostra que provavelmente deve haver algum tipo de organização por tarefas, mesclando Unidades leves e pesadas e que a instrução deve refletir essa realidade.

Stephen Biddle, um renomado analista de política de Defesa, escreve sobre a importância do emprego judicioso de meios para a vitória na guerra moderna. Contudo, planejadores de Defesa e formuladores de política tendem a desconsiderar o emprego de meios e concentrar suas decisões no uso de tecnologia ou em novos conceitos operacionais para a vitória no campo de batalha do futuro<sup>1</sup>. A tecnologia continua a avançar e a evoluir de modo cada vez mais veloz, resultando em uma difusão muito mais rápida de sua capacidade aos inimigos potenciais. Essa constante evolução diminui a possibilidade de que os Estados Unidos da América (EUA) dependam de sua vantagem tecnológica contra forças convencionais ou irregulares. Além disso, os novos conceitos operacionais raramente são novos ou revolucionários de fato, e a tentativa de

---

*O Major Irvin Oliver é instrutor de Relações Internacionais na Academia Militar dos EUA, em West Point, no Estado de Nova York. É bacharel pela Prairie View A&M University*

*e mestre pela Columbia University. Ele comandou a Companhia Delta do 1º/67º Regimento Blindado no Iraque e no Forte Hood, Estado do Texas.*

CFN dos EUA, S Ten Scott Dunn



*Fuzileiros navais dos EUA aprontam seus carros de combate M1A1 Abrams, na ilha de Bubiyan, Kuwait, 21 Nov 09.*

prever a próxima revolução em assuntos militares expõe o Exército ao perigo de lutar como na guerra anterior, ou de se “reinventar”, com base em premissas fundamentalmente falsas.

### **Transição dentro do Exército**

Segundo Loren Thompson, do Lexington Institute, o Exército está se preparando para uma guerra contra forças irregulares que não possuam formações como as “da era da guerra industrial”<sup>2</sup>. A recente transformação de duas brigadas pesadas em brigadas *Stryker* revela que o Exército está redirecionando sua organização no sentido de uma Força mais leve, centrada na Infantaria, baseando-se na crença de que terá menor necessidade do poder de fogo, da proteção e do efeito de “choque” que os blindados proporcionam ao combate. Essa convicção se justifica, em parte, com os argumentos de que a mobilidade estratégica das forças blindadas é baixa e que de há um número relativamente pequeno de combatentes a pé nessas brigadas. De fato, é difícil argumentar contra a necessidade de mais infantaria desembarcada nas nossas formações,

mas o Exército deveria estar discutindo o papel que as forças blindadas e mecanizadas irão exercer, nos combates do futuro.

Como poderemos empregar essas forças com maior efetividade? A resposta reside na forma pela qual organizamos essas forças para o combate — organizar forças blindadas e mecanizadas por tarefas e determinar suas ações táticas e as relações de apoio. As forças blindadas e mecanizadas podem exercer um papel significativo por todo o espectro do combate, incluindo o combate contra forças irregulares.

Um relatório do Exército a ser publicado, que se baseia em uma visão do ambiente de segurança futuro, prevê que a Força Terrestre atuará em centros populacionais ou proximidades, o que aumenta a importância do treinamento de sobrevivência em combate aproximado e da mobilidade tática<sup>3</sup>. As forças leves “médias” são vulneráveis contra as armas anticarro. O mesmo ocorre com tropas dotadas de blindagem antiquada, encontradas em vários países em desenvolvimento. Uma organização mista, que inclua forças pesadas, pode proporcionar uma vantagem significativa.

Um estudo da RAND, de 2008, concluiu que as Forças de blindagem média — como as brigadas *Stryker* — têm quatro vantagens bem distintas sobre as forças pesadas — mobilidade estratégica, maior velocidade em eixos pavimentados, menor cauda logística e maior manobrabilidade em áreas com infraestrutura precária<sup>4</sup>. No entanto, representam uma perda proporcional em poder de fogo, proteção blindada e mobilidade em terreno irregular, deficiências que devem ser compensadas com um planejamento estratégico detalhado, com uma preparação de Inteligência e com meios de apoio<sup>5</sup>.

Pela análise dos resultados do estudo, fica evidente que o Exército estará em melhor situação se adotar uma combinação de forças que se complementem e que o mantenha preparado tanto para a guerra convencional como para a guerra irregular. Existe o receio de que a transformação do Exército ocorra à custa das forças blindadas e mecanizadas e do combate de grande mobilidade das armas combinadas. Um dos pontos importantes do estudo da RAND é

que blindados, tanto médios quanto pesados, têm sido úteis na guerra irregular, historicamente. O método de emprego adotado foi o fator decisivo, nessas ocasiões. Na era do conflito persistente, as Forças do Exército executam missões de segurança e grandes operações ofensivas em porções amplas do terreno<sup>6</sup>. Muitas missões e operações de contrainsurgência e de estabilização são taticamente defensivas, por sua natureza, mas as Forças terrestres dos EUA ainda precisam estar preparadas para conduzir operações convencionais contra Forças adversárias que desdobrem blindados ou sistemas anticarro avançados. A excessiva eliminação de brigadas pesadas talvez aumente nossa vulnerabilidade a esse tipo de ameaça.

Os israelenses aprenderam essa lição do modo mais difícil, no Líbano, em 2006. Até 40% das baixas das Forças de Defesa de Israel (FDI), incluindo a infantaria a pé, foram causadas por modernos sistemas anticarro<sup>7</sup>. Isso levou as FDI a reorientar sua doutrina e adestramento para o combate de mobilidade, os sistemas de



CFN dos EUA, Cb Joseph A. Lambach

*Fuzileiros navais dos EUA fazem a inspeção pré-missão de um carro de combate M1A1 Abrams no Campo Fallujah, no Iraque, 21 Jan 07.*

armas blindados e a preparação para o combate convencional<sup>8</sup>. Essas mudanças ficaram evidentes durante a guerra de 2008 contra o Hamas, na Faixa de Gaza<sup>9</sup>. Embora a guerra irregular seja uma realidade provável no futuro do Exército, é insensato presumir que os conflitos vindouros tenham exclusivamente o caráter de combate contrainsurgência. O Exército, mais provavelmente, deverá manter uma substancial força pesada em seu componente regular.

Os soldados e os fuzileiros navais nas formações mecanizadas têm provado sua capacidade de executar o combate irregular e contrainsurgente bem-sucedido, desde 2003. Muitos desses soldados já publicaram suas experiências em vários periódicos. Uma amostra desse registro fornece algumas ideias novas para quando estivermos considerando o emprego de blindados na guerra irregular.

Primeiro, é óbvio que as forças mecanizadas têm aplicações táticas diferentes daquelas típicas das forças leves e *Stryker*. Segundo, essas forças são extremamente adaptáveis e são plenamente capazes de superar suas limitações estruturais. Por último, o determinante de seu sucesso ou fracasso parece ser a existência de comandantes criativos e adaptáveis, com o correspondente adestramento<sup>10</sup>. Modificações na estrutura e na forma de executar o treinamento talvez sejam o modo mais efetivo para que os blindados pesados permaneçam relevantes no planejamento da Força, em um futuro repleto de guerras irregulares.

As guerras atuais nos lembram a importância que o infante tem em qualquer conflito. O combatente de Infantaria é central para o sucesso das forças mecanizadas na guerra irregular. Os infantes mecanizados têm mobilidade, poder de fogo e a capacidade de apoiar com o reconhecimento e a liberação do terreno em situações complexas, valendo-se de seu poder de fogo orgânico.

Há questões relacionadas à correta proporção entre forças pesadas e forças leves/*Stryker* no Exército, na medida em que este busca adequar sua estrutura ao atual ambiente operacional. O risco para o Exército e para os Estados Unidos é que o equilíbrio resulte em menos forças mecanizadas do que o necessário para responder adequadamente às ameaças não previstas. As ameaças futuras contra os Estados Unidos talvez

tenham capacidades de combate maiores, e pode ocorrer que venhamos a ter muita falta de mobilidade e de poder de fogo de forças mecanizadas, se a transição do Exército reduzir o número de Unidades desse tipo em demasia. Organizações não estatais, como o Hezbollah, já demonstraram razoável capacidade militar —

---

***Modificações na estrutura e na forma de executar o treinamento talvez sejam o modo mais efetivo para que os blindados pesados permaneçam relevantes...***

maior do que a das Forças inimigas no Iraque e no Afeganistão. As forças mecanizadas são bem adaptadas para enfrentar essa capacidade. Esse tipo de ameaça híbrida e não estatal encontrou Israel parcialmente despreparado, em 2006. Existe a preocupação, até mesmo dentro do governo israelense, de que as FDI estivessem se sentindo equivocadamente seguras com a crença de que já não havia uma ameaça militar convencional contra Israel e que, no futuro, a segurança israelense estaria concentrada na guerra irregular, com a Força Aérea israelense em condições de derrotar eventuais ameaças convencionais<sup>11</sup>. Isso teria reduzido a necessidade da manobra terrestre e do poder de fogo convencional. Os israelenses consideraram o poder aéreo como a resposta mais adequada.

O Exército dos EUA pode estar cometendo um erro parecido, ao definir que o poder de combate terrestre para combater forças irregulares possua apenas uma capacidade limitada contra ameaças do tipo convencional, que o inimigo possa eventualmente apresentar. O desempenho das FDI na Faixa de Gaza, em 2009, mostrou que as lições tinham sido aprendidas e que as mudanças para melhor combater a ameaça híbrida haviam sido implementadas.

Mesmo que os Estados Unidos concentrem seus esforços exclusivamente na guerra irregular,

as forças mecanizadas irão exercer um papel decisivo. A mais recente literatura sobre guerra irregular concentra-se nas etapas iniciais de uma insurgência, e não nas fases posteriores ou em outras operações militares em que as Forças convencionais exercem um papel decisivo.

Uma análise dessa literatura sugere que toda força irregular necessita tornar-se mais convencional se quiser alcançar seus objetivos políticos e militares. Uma insurgência é ofensiva em termos táticos, mas defensiva em termos estratégicos. E uma atitude defensiva não é decisiva.

Segundo Mao Tsé-tung, uma insurgência possui três fases: defensiva estratégica, equilíbrio estratégico e contraofensiva estratégica<sup>12</sup>. Na fase defensiva, o insurgente busca obter o apoio da população civil usando subversão e coerção. Durante o equilíbrio estratégico, as forças insurgentes alcançaram certo nível de paridade com as Forças do governo, bem como alguma medida de apoio popular. As forças insurgentes também podem prover serviços à população, em um esforço para subverter o governo. Na fase contraofensiva estratégica, as forças insurgentes são mais fortes do que o governo e ocorre uma transição da guerra de guerrilha para um combate mais convencional, de velocidade. As insurgências na Argélia e no Vietnã são exemplos desse combate de maior velocidade, bem como as insurgências do Hezbollah, no Líbano, e do Jaysh Al-Mahdi, no sul do Iraque. Forças contrainsurgentes de pronta resposta talvez sejam decisivas na neutralização dos insurgentes, ou para forçá-los a retornar à fase defensiva estratégica.

## A Utilidade dos Blindados

As forças blindadas e mecanizadas provaram seu valor na guerra irregular, mas parece que isso foi esquecido por vários analistas que estudam a composição das Forças do futuro. Há muitos exemplos de forças mecanizadas atuando decisivamente no combate irregular com características de guerra convencional e nas operações de contrainsurgência e de estabilização. Forças blindadas constituíram a vanguarda nos assaltos a Fallujah, durante a batalha para retomar o controle da cidade, que se encontrava sob controle de terroristas entrincheirados, em novembro de 2004<sup>13</sup>. Durante a Ofensiva de

Tet, no Vietnã, Forças convencionais blindadas desempenharam papel importante na Batalha de Hue e em várias batalhas ao redor de Saigon. As forças blindadas e mecanizadas têm sido essenciais para derrotar o inimigo em todos os tipos de terreno<sup>14</sup>. A experiência de combate no Iraque também mostrou a utilidade das forças blindadas e mecanizadas contra forças irregulares, quando o ritmo de operações aumenta e elas defendem terreno ou buscam engajar decisivamente as Forças dos EUA. Por exemplo, durante a Batalha de Fallujah, as Forças estadunidenses empregaram blindados com eficácia no assalto e em missões de apoio, contra as forças insurgentes que tinham escolhido manter posições e lutar. O emprego de blindados dessa forma não tradicional talvez tenha contribuído para o número relativamente pequeno de baixas entre as Forças dos EUA nessa batalha, bem como para a grande velocidade de avanço e a curta duração do combate<sup>15</sup>. Para atingir seus objetivos, as forças irregulares irão, em algum momento, tentar o emprego de táticas mais convencionais contra forças regulares oponentes.

A Operação *Iraqi Freedom* fornece muitos exemplos contemporâneos do emprego bem-sucedido de forças mecanizadas na guerra irregular. As operações de contrainsurgência bem-sucedidas do 3º Regimento de Cavalaria Blindado, dentro e ao redor da cidade de Tal Afar<sup>16</sup>, e as da 1ª Brigada de Combate da 1ª Divisão Blindada<sup>17</sup> são bons exemplos. O 3º Regimento de Cavalaria é uma Grande Unidade de cavalaria de valor brigada, dotada de viaturas pesadas, concebido para executar operações de reconhecimento, segurança e economia de meios em proveito do comandante do Corpo de Exército. Na sua organização há três Unidades de cavalaria (de valor batalhão) com pelotões de batedores embarcados em Viaturas Blindadas *M3 Bradley* e pelotões de carros de combate *M1 Abrams*. Em comparação com as brigadas de Infantaria ou com outras brigadas pesadas, o regimento tem menor número de combatentes disponível para executar operações desembarcadas, se desejar manter sua capacidade operacional completa, como força blindada. Seu desdobramento em Tal Afar começou com uma operação cinética [que envolve o emprego de força — N. do T.], para obter uma posição segura na cidade e executar operações de Inteligência<sup>18</sup>. A constituição do regimento, com seus blindados,

foi benéfica nessa fase inicial. O 3º Regimento de Cavalaria Blindado possui vantagem assimétrica contra praticamente qualquer força irregular, na maioria das áreas operacionais. Em locais que limitavam o movimento de viaturas blindadas, o regimento utilizou uma combinação de Forças de Segurança iraquianas e de Forças estadunidenses desembarcadas, com efeito bastante positivo. Embora estivesse organizado segundo a missão recebida — tendo recebido um batalhão de Infantaria aeroterrestre da 82ª Divisão Aeroterrestre —, a maioria dos meios do regimento era blindada. A chave do sucesso foi a liderança e sua agilidade intelectual. Os comandantes tiveram de compreender a situação além de seus aspectos táticos e usar os meios disponíveis de forma mais efetiva, aproveitando suas capacidades e reduzindo suas limitações com um emprego judicioso, adaptado àquela realidade.

Influenciada pelo sucesso do 3º Regimento de Cavalaria Blindado, a 1ª Brigada de Combate da 1ª Divisão Blindada executou uma operação similar em Ramadi, no Iraque. Embora a

operação estivesse concentrada na população civil, a brigada estava regularmente em contato com o inimigo. A 1ª Brigada obteve sucesso em uma estratégia contrainsurgente que pedia o uso ostensivo de tropas, enquanto simultaneamente combatia as forças irregulares. A brigada usava seus blindados e tripulações para operar postos de combate avançados por toda a cidade e para conduzir operações de reconhecimento e liberação de eixos em apoio a esses postos. Esse emprego de forças blindadas é um exemplo de sua utilidade no combate irregular; o ônus recai sobre a forma de emprego dessas forças é, não sobre as forças, propriamente.

As forças blindadas e mecanizadas foram responsáveis por grande parte do combate no Iraque, adotando diferentes configurações. Às vezes, eram formações mecanizadas padrão; outras vezes, eram tropas motorizadas, mas sem seus blindados; e, em algumas oportunidades, atuavam até mesmo a pé. Essas variações na organização para o emprego demonstram a flexibilidade das formações e a adaptabilidade de



CFN dos EUA, Cb Ned Johnson

*A guarnição de um M1A1 Abrams da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais dispara o canhão do carro de combate, em um polígono de tiro no Campo Leatherneck, Província de Helmand, Afeganistão, 13 Jan 11.*

seus comandantes. Se o Exército possuir tanto as Unidades certas quanto comandantes adaptáveis, os blindados ainda serão capazes de exercer um papel importante na guerra irregular.

## Os Blindados nos Escalões Subordinados

Nos últimos anos, o foco das discussões tem sido a transição do Exército para uma organização baseada no escalão brigada. Contudo, o que talvez represente um verdadeiro progresso na forma de emprego de meios no Exército, do ponto de vista doutrinário, é o modelo de emprego de blindados em pequenas frações nos teatros de operações. Isso não é propriamente um conceito novo, nem mesmo dentro do Exército, mas a ideia não recebe o adequado tratamento doutrinário e operacional. Há um claro papel a ser desempenhado pelas forças blindadas e mecanizadas na guerra irregular, em virtude das suas capacidades inerentes. Como o Exército busca reduzir a quantidade de blindados empregados, arriscamos perder ou diminuir justamente aquela capacidade que a maioria das forças irregulares não pode igualar. Arriscamos perder uma forma de assimetria. O Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) dos EUA e Forças Armadas de outros países reconheceram o valor dos blindados e se concentraram em seu emprego. Quando o CFN reorganizou suas Unidades Expedicionárias de Fuzileiros Navais (MEU, na sigla original em inglês), decidiu manter blindados orgânicos no seu quadro de organização, com o Coronel Gregg Olson, Comandante da 11ª MEU, chegando ao ponto de dizer que ele é “firme em sua crença de que há vários problemas que podem ser resolvidos com um carro de combate *M1A1*”<sup>19</sup>.

A menor Força-Tarefa Ar-Terra dos Fuzileiros Navais é a MEU, em cuja organização há um elemento de combate terrestre, formado ao redor de um batalhão de Infantaria reforçado, que tipicamente inclui um pelotão de carros de combate *M1*, um pelotão de blindados leves e uma companhia de viaturas blindadas de assalto anfíbio<sup>20</sup>. Obviamente, o Corpo de Fuzileiros Navais, uma Força baseada na Infantaria leve, valoriza o fato de possuir uma capacidade blindada disponível para a maioria das operações e busca manter e melhorar essa capacidade. Conforme os Estados Unidos se preparam para mais cenários e operações do tipo Iraque ou

Afeganistão, em Estados débeis ou fracassados, o Corpo de Fuzileiros Navais mantém preservada sua capacidade blindada, empregando carros de combate até mesmo em partes do Afeganistão<sup>21</sup>.

A diferença entre o emprego de forças blindadas e de forças mecanizadas limitadas talvez seja algo apropriado em nossas considerações. Com apenas três batalhões de carros de combate e sete batalhões mecanizados para apoiar 36 batalhões de Infantaria, as forças blindadas e mecanizadas dos Fuzileiros Navais são geralmente empregadas em efetivos menores. Dois exemplos: pelotões de carros de combate são desdobrados com as MEU embarcadas, e a doutrina do CFN permite o emprego de uma Seção de carros de combate em apoio às companhias de Infantaria, atuando como apoio de fogo direto<sup>22</sup>. Embora o Exército tenha experiências parecidas, apenas a doutrina e o treinamento do CFN abordam especificamente as considerações de emprego e as relações de comando exclusivas dessa forma de organizar os meios segundo a missão. Algumas brigadas de combate *Stryker* já empregaram a versão dotada de canhão [chamada de *Stryker Mobile Gun System* — N. do T.] em apoio à Infantaria, mas, com raras exceções, o Exército não adota esse formato em suas operações. Uma importante exceção está presente no emprego de companhias reforçadas, em apoio às forças aeroterrestres.

O exemplo mais recente desse emprego é a Operação *Airborne Dragon*. Em 07 Abr 03, o Exército dos EUA na Europa desdobrou a 1/63 Força-Tarefa Blindada (FT 1/63) em apoio à 173ª Brigada Aeroterrestre, na abertura de uma frente ao norte, durante a invasão do Iraque. A FT



Fuzileiros Navais ocupam um abrigo durante as operações em Fallujah, no Iraque, 10 Dez 04.

CFN dos EUA, Cb James J. Vooris

1/63 era constituída pelo comando do batalhão, por uma companhia de carros de combate, por uma companhia de Infantaria mecanizada e por elementos de apoio logístico e de apoio ao combate. As duas companhias de manobra apoiaram uma brigada aeroterrestre completa durante a fase inicial da invasão<sup>23</sup>. O emprego de blindados em situações como essa pode ser ainda mais provável no futuro. O emprego de forças blindadas nessa fase representou uma óbvia escalada de força, contra a qual as Forças iraquianas no norte não tinham como reagir. Foi uma forma de guerra assimétrica, e proporcionou uma vantagem significativa tanto para a 173ª Brigada Aeroterrestre quanto para as Forças de Operações Especiais que a FT 1/63 apoiava. A disponibilidade imediata proporcionada por uma FT blindada, desdobrada por meios aéreos não é um conceito novo para o Exército, mas ainda não há o correspondente amparo doutrinário. A preparação, o desdobramento, o emprego e o apoio logístico da FT 1/63 representaram desafios únicos para o Exército, mas, mesmo assim, o emprego de uma pequena força-tarefa mecanizada em apoio a forças leves foi bem-sucedido. Devemos codificar os ensinamentos colhidos nesta operação e em empregos semelhantes. Embora não seja provável que se vejam grandes forças blindadas cruzando vastas porções do terreno no ambiente de guerra irregular, empregar meios blindados ainda pode ser algo benéfico.

## A Experiência Canadense

O Canadá é um dos principais aliados no Afeganistão. Suas Forças atuam principalmente no Comando Regional Leste, que inclui Kandahar, uma das áreas mais voláteis do Afeganistão<sup>24</sup>. Em função das táticas empregadas pelo Talibã contra suas Forças, os canadenses escolheram empregar meios blindados, mais especificamente carros de combate e Engenharia<sup>25</sup>. Embora os desafios para empregar blindados no Afeganistão estivessem claros, houve uma série de lições válidas a serem aprendidas quanto ao futuro emprego desses meios, mesmo em um terreno restritivo como aquele.

O emprego de meios e as tarefas táticas determinados às tropas blindadas canadenses fugiram à doutrina publicada. Instruções sobre algumas dessas tarefas não doutrinárias talvez

possam padronizar seu emprego e preparar nossas Forças para melhor integrar todos os elementos do poder de combate.

Para melhor integrar os blindados com a Infantaria leve, as Forças canadenses organizaram seus meios distribuindo carros de combate até os escalões pelotão e seção, de acordo com a missão a ser executada<sup>26</sup>. Isso é algo parecido com o método de emprego de blindados adotado pelo Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA. O emprego de forças mecanizadas no Afeganistão determinava um método de comando e controle pouco ortodoxo, com os comandantes embarcados e desembarcados transferindo o controle entre si a cada fase das operações de combate<sup>27</sup>. A transferência durante o combate pode ser uma das tarefas táticas mais complexas. As Unidades mecanizadas e blindadas também foram reorganizadas segundo a missão, nos escalões citados, mas essa solução está igualmente fora da doutrina publicada. A doutrina de emprego das forças mecanizadas deve incluir a possibilidade de organizar os meios segundo a missão mesmo abaixo do escalão pelotão, especialmente quando se tratar de um ambiente de guerra irregular.

Outros ensinamentos de destaque foram colhidos durante o experimento canadense com blindados no Afeganistão. As Forças canadenses descobriram que os arados e rolos limpa-minas de seus carros de combate eram efetivos nas operações para liberar rotas com possíveis dispositivos explosivos improvisados. Esses equipamentos também foram efetivos na abertura de brechas em campos de minas, bem como na ruptura das linhas inimigas em terreno complexo<sup>28</sup>. É provável que os Estados Unidos nunca mais encontrem um campo de batalha sem algum tipo de dispositivo explosivo improvisado. Além disso, toda tropa empregada — até mesmo as forças leves — irá requer algum apoio logístico que deverá ser transportado ao longo de eixos de suprimento vulneráveis a ataques. O reconhecimento e a segurança de eixo talvez sejam papéis para as forças mecanizadas, para os quais elas estão bem adaptadas.

Há, também, um valor psicológico associado ao emprego de blindados, mesmo em países em desenvolvimento e entre as forças irregulares que empregam viaturas blindadas obsoletas. Os canadenses descobriram que os blindados levaram



seus soldados a agir com mais determinação e que a simples existência desse maior poder de combate reduziu a cinética de suas operações<sup>29</sup>.

A organização para o combate deve considerar o emprego de blindados constituindo tropas de armas combinadas para alcançar êxito. É evidente que há utilidade para os blindados nas equipes de armas combinadas organizadas com base na Infantaria leve. Tal como ocorreu no Exército dos EUA, os canadenses descobriram que sua instrução individual para tripulantes de blindados deveria se concentrar nas habilidades básicas, incluindo aptidão física, tiro individual, maneabilidade da guarnição do carro e primeiros socorros<sup>30</sup>. Essa instrução básica será necessária, independentemente do conflito ou do terreno em que forem atuar.

Por último, em áreas do Afeganistão com terreno menos acidentado, como no sul do país, as Forças do Talibã procuram não se engajar com as forças blindadas e mecanizadas canadenses. Isso pode ser atribuído, mais provavelmente, ao grande alcance dos carros de combate *Leopard C2*<sup>31</sup>. O emprego de blindados tem a capacidade de demonstrar nossa determinação como poucos sistemas de armas são capazes de fazer.

No entanto, há limitações sobre a utilidade e a efetividade das forças blindadas e mecanizadas em lugares como o Afeganistão<sup>32</sup>. Há grandes áreas onde o terreno é simplesmente restritivo demais, o ônus logístico pesado demais e o risco de danos colaterais grande demais em comparação com o que as armas portáteis poderiam produzir. As situações táticas e estratégicas muitas vezes irão determinar se os benefícios — maior mobilidade em áreas abertas, capacidade de sobrevivência, poder de fogo e influência psicológica — excedem as limitações associadas ao emprego de tais meios.

O experimento canadense no Afeganistão nos lembra que o emprego de meios — o modo como o comandante emprega as tropas disponíveis — é o fator decisivo na guerra. Os planejadores militares dos EUA devem considerar formas inovadoras para empregar todos os três tipos de brigadas de combate [leve, média e pesada — N. do T.] na guerra irregular e desenvolver doutrina para prevenir que venhamos a sofrer de “amnésia institucional”, quando as guerras atuais terminarem. O emprego de carros de combate *M1A1* do Corpo de Fuzileiros Navais

no Afeganistão talvez tenha ocorrido como uma reação à retirada dos blindados canadenses e holandeses, mas esses países obtiveram razoável sucesso com carros de combate na mesma região. O benefício adicional que os canadenses e holandeses não possuíam estava no fato de as tripulações e comandantes não terem experiência com o emprego de tropas blindadas e mecanizadas em ambiente de combate irregular. Os comandantes, os estados-maiores e as guarnições dos carros estadunidenses podem contar com sua intuição e com uma variedade de ensinamentos colhidos graças às suas experiências em combate e na contrainsurgência ao longo dos últimos sete anos no Iraque. Embora o ambiente operacional — em termos sociais, logísticos e de terreno — seja diferente, os princípios são os mesmos. A experiência, a adaptabilidade e a inovação das Forças dos EUA podem levar a um resultado muito mais positivo.

## Conclusão

As forças blindadas e mecanizadas já comprovaram sua eficácia em áreas edificadas durante vários engajamentos no Iraque e demonstraram grande utilidade em operações de não-guerra. O fator-chave para sua efetividade na guerra irregular é o emprego de meios — como, e não necessariamente onde, as empregamos.

À medida que o Exército estuda a possibilidade de mais alterações na estrutura da Força, os planejadores da Defesa deverão reconsiderar o valor dado às brigadas de combate pesadas. A manobra e mobilidade táticas são essenciais para o êxito na guerra moderna<sup>33</sup>. A brigada pesada, quando empregada com competência, criatividade e o claro entendimento de suas capacidades e limitações, proporciona uma vantagem substancial.

Na guerra moderna, as técnicas de cobertas e abrigos, a maneabilidade das armas combinadas e a iniciativa de pequenas Unidades reduzem a vulnerabilidade<sup>34</sup>. O Exército deve desenvolver uma doutrina para as forças mecanizadas que aborde essas técnicas e outras considerações na guerra irregular. Qualquer transição do combate convencional para a guerra irregular irá requerer estabilização e reconstrução depois que as Forças dos EUA tiverem alcançado seus objetivos<sup>35</sup>.

A doutrina atual do Exército, embora ainda

em desenvolvimento, não aborda adequadamente o papel das forças blindadas e mecanizadas na guerra irregular. Também digno de nota é o aparente declínio da influência dos blindados em favor da velocidade e da precisão. O declínio do papel das forças mecanizadas talvez ocorra em função da crença de que, no futuro, haverá somente combate contrainsurgência e ações policiais. As forças mecanizadas podem não ser, por si só, o meio mais adequado para emprego no combate contra forças irregulares, mas quando usadas como um complemento a Unidades leves, talvez tragam uma capacidade única que terá de ser considerada pelo adversário. Quando operando integradas a forças contrainsurgentes, as tropas mecanizadas podem proporcionar apoio de fogo direto oportuno e essencial, além de apoiar operações de segurança e dificultar que o inimigo execute sua estratégia.

À medida que o Exército se reorganiza para estar mais bem preparado para o futuro, talvez seja indicado considerar os meios disponíveis e seu respectivo emprego. Ainda que o futuro apresente uma nova geração de contrainsurgência e

operações de estabilização, as tropas mecanizadas podem vir a ser ideais em situações onde se pretenda a economia de meios. As forças mecanizadas devem estar preparadas individual, coletiva e doutrinariamente, independentemente da situação ou do terreno em que possam se encontrar. Os comandantes criativos e adaptáveis foram extremamente bem-sucedidos no uso de forças mecanizadas no Iraque e no Afeganistão, onde a decisão sobre o emprego de meios tem sido decisiva.

Nesta reorganização do Exército, as brigadas estão se tornando mais leves. O ambiente operacional de hoje levanta algumas questões óbvias: Se o Exército escolher descartar a maioria de suas capacidades blindadas e mecanizadas em favor de uma estrutura mais leve, o que será empregado para preencher a lacuna resultante? Que característica irá tornar o Exército um elemento único no arcabouço das Forças Conjuntas, para o qual caminham as Forças Armadas dos EUA? Com a proliferação e a difusão da tecnologia, o que proporcionará uma vantagem assimétrica no futuro? **MR**

## REFERÊNCIAS

- BIDDLE, Stephen. *Military Power: Explaining Victory and Defeat in Modern Battle* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2004).
- OSBORN, Kris. "U.S. Army Focuses on Irregular Warfare", *Defense News*, 12 Oct. 2009, p. 4.
- Ibid.
- JOHNSON, David E., GRISSOM, Adam e OLIKER, Olga. *In the Middle of the Fight: An Assessment of Medium-Armored Forces in Past Military Operations*, Monograph (Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2008), p. xiv.
- Ibid., p. xvii.
- OSBORN, p. 27.
- KATZ, Yaakov. "IDF Applying Lessons of War to Improve Use of Tanks", *Jerusalem Post*, 20 mar. 2007, disponível em: <<http://www.jpost.com/servlet/Satellite?cid=1173879134547&pagename=JPArticle%2FShowFull>>, acesso em: 8 jan. 2010.
- Ibid.
- OREN, Amir. "IDF Dependence on Technology Spawns Whole New Battlefield", *Haaretz.com*, 3 Jan. 2010, disponível em: <<http://www.haaretz.com/hasen/spages/1139464.html>>, acesso em: 8 jan. 2010.
- Desde 2003, o *Army & Cavalry Journal* publicou muitos artigos que discutem especificamente as táticas, técnicas e procedimentos que as forças embarcadas usaram no Iraque, principalmente. Outras publicações patrocinadas pelo governo dos EUA publicaram artigos parecidos.
- STEINITZ, Yuval. "The War That Was Led Astray", *Haaretz.com*, 17 aug. 2006, disponível em: <<http://www.haaretz.com/hasen/pages/ShArt.jhtml?itemNo=751470>>, acesso em: 18 dez. 2009.
- MAO TSE-TUNG, *On Guerrilla Warfare* (New York, Classic House Books). Consulte também o manual de campanha dos EUA, FM 3-24, seções 1-31 a 1-35.
- GOTT, K.D. (2006), *Breaking the Mold: Tanks in the Cities* (Fort Leavenworth, KS: Combat Studies Institute Press), p. 97.
- STARRY, Donn. "U.S. Army Center for Military History", *Vietnam Studies: Mounted Combat in Vietnam*, 1989, disponível em: <<http://www.history.army.mil/books/vietnam/mounted/index.htm>>, acesso em: 17 dez. 2009.
- GOTT, p. 105-106.
- RICKS, Thomas E. *Fiasco: The American Military Adventure in Iraq* (New York: Penguin Press, 2006), p. 416-24.
- RICKS, p. 61-72.
- Headquarters, 3rd Armored Cavalry Regiment, *Final Report of 3rd ACR Operations in Operation Iraqi Freedom: 6 March 2005—21 February 2006* (Fort Carson, CO: Department of the Army).
- FUENTES, Gidget. "MEU Remix", *Marine Corps Times*, 19 Oct. 2009, p. A18-19.
- U.S. Marine Corps, *MCRP 5-12D: Organization of Marine Corps Forces* (Washington DC: HQ, USMC, 1998), p. 2-4.
- U.S. Marine Corps Mobilization Command, *Program Manager Advanced Amphibious Assault*, 9 Sept. 2009, disponível em: <<http://www.evf.usmc.mil/>>, acesso em: 16 dez. 2009.
- U.S. Marine Corps, *MCWP 3-12: Marine Corps Tank Employment* (Washington DC: HQ, USMC, 2005), p. 9-1, 9-2.
- WARREN, Patrick e BARCLAY, Keith. "Operation Airborne Dragon, Northern Iraq", *Military Review* (November-December 2003): p. 1-4.
- Sem nomear o autor, *NATO International Security and Assistance Force*, sem data, disponível em: <<http://www.isaf.nato.int/>>, acesso em: 17 dez. 2009.
- CADIEU, Trevor. "Canadian Armour in Afghanistan", *Canadian Army Journal* (2008): 7.
- CADIEU, 9.
- Ibid., p. 8.
- Ibid, p. 9, 20.
- Ibid., p. 11.
- Ibid., p. 15.
- Ibid., p. 19.
- Ibid., p. 21.
- BIDDLE, p. 31.
- Ibid., p. 5.
- UCKO, David. *The New Counterinsurgency Era: Transforming the U.S. Military for Modern Wars* (Washington DC: Georgetown University Press, 2009), p. 92.